

OS BENS DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Marcos Aurélio Marques*
Luísa Cristina dos Santos**

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o livro Textamentos de Affonso Romano de Sant'Anna e identificar os principais temas, tais como a morte, a velhice, o amor erotizado. A composição dos poemas permitem entrever o prazer da escritura, e este prazer se transfere ao leitor. Apesar da sua longa carreira, o poeta persegue do primeiro ao último poema do livro, a reafirmação da vida.

Résumé: Le but de cet article est d'analyser le livre Textamentos de Affonso Romano de Sant'Anna et d'identifier les principaux thèmes, tels que la mort, la vieillesse, l'amour érotique. La composition des poèmes laisse entrevoir le plaisir de l'écriture et ce plaisir se transfère au lecteur. Malgré sa longue carrière, le poète poursuit sa quête de la réaffirmation de la vie.

Palavras-chave: o prazer da escritura; a velhice; o amor erotizado

Mot-clés: le plaisir de l'écriture; la vieillesse; l'amour érotique

Ao nos depararmos com a palavra “textamentos”, mais que depressa nos vem à mente um último desejo de alguém antes da morte, uma vontade expressa de quem tem algo a deixar. O testador tem por objetivo então, escolher testamenteiros e os bens a serem herdados por estes. O textamento de Affonso Romano de Sant'Anna (doravante ARS) estabelece este sentido. E nós, os leitores, poderemos ser entendidos como testamenteiros de sua obra. Ele nos brinda com um livro, no mínimo, belíssimo. É o legado de um dos maiores poetas do nosso tempo.

No entanto temos um textamento com x no lugar do s. Um neologismo, um eufemismo buscando na contradição permissiva da poesia, um revés para o definiti-

*Acadêmico do 5º ano do curso de Licenciatura em Letras, UEPG. Integrante do PIBIC/UEPG

**Orientadora do ensaio, professora do Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Ponta Grossa

vo, o findável, que é o verso, a obra literária e a própria arte, que possui como premissa básica para ser arte, a permanência. Esta simples troca de uma letra propõe uma sobreposição de semas.

Octávio Paz diz que todo poema manifesta um modo peculiar de ser histórico. ARS constrói em toda a sua obra poética, talvez a mais peculiar e a até certo ponto revolucionária maneira de ser histórico na poesia brasileira. Seja em seus primeiros livros *Canto e Palavra* (1965), *Poesia Sobre Poesia* (1975) ou no épico *A Grande Fala do Índio Guarani Perdida na História e Outras Derrotas* (1978), quando o poeta conta a história, mas não de forma definitiva, posto que não é pretensão sua nem da poesia, mas como denúncia da farsa que é a história da América Latina construída pela ideologia de uma classe dominante. Compõe desta forma uma das mais representativas obras em busca de uma identidade histórica e poética do último século comparável talvez somente ao *Poema Sujo* de Ferreira Gullar a ao *Canto Geral* de Pablo Neruda.

Em Textamentos essa exasperada visão sobre a história, a opressão do homem, a condição da mulher, a impotência ante determinados fatos, não perdem espaço:

SE EU DISSESSE

Se eu dissesse que o crepúsculo está coalhado de sangue
diriam que isto é uma banalidade
que só um mau poeta ousa escrever.

E, no entanto, o crepúsculo está coalhado de sangue.

Não só o crepúsculo, também a alvorada.
E quanto a isto não há muito que se possa fazer.

O poeta não abandona seu comprometimento com a dura realidade dos nossos dias, presente por exemplo, no poema *Que país é este?* do livro homônimo. O poema aqui indica o momento de transição. Não é mais um poema extenso com várias referências históricas. Sua desilusão sintetiza-se sem perder a postura de quem sempre esteve atento aos problemas do país e do homem frente ao mundo moderno de final de século. Isso não transfoma seus poemas em algo fastidioso. Pelo contrário, ele encontra no livro ora analisado, o prazer da escritura que inexoravelmente se transfere ao prazer da leitura.

Segundo Barthes, o prazer do texto não tem preferência por ideologia. O prazer e a ideologia são distintos. Esta distinção não é liberalismo, mas uma quebra

na “unidade moral” exigida pela sociedade. A perversão nos conduz a passear pelos “textamentos” nos satisfazendo com o prazer do poeta. Nos tornamos seu voyeur, como o próprio Barthes indica: *observo clandestinamente o prazer do outro*.

Nos multiplicamos em incontáveis observadores do prazer alheio. E certamente, mesmo o indivíduo que repete uma leitura, encontra em cada oportunidade, um novo prazer, pois podemos inferir novas interpretações, fazendo disto um ato de intermináveis prazeres. Os sentidos da leitura proliferam, estão sempre em movimento, pois o leitor nunca é um ser passivo.

ARS não se descuida em momento algum de falar o que sente, não prescinde do dever de poeta, como ele mesmo define em um de seus poemas anteriores:

Falo o que sinto
E sinto muito o que falo
– pois morro sempre que calo.

Esse metaverso é uma afirmação que fala do homem e do poeta. No livro que estudamos, poderíamos entender como já dissemos, Textamentos como algo que antecede a morte, o acabado. No entanto, ao lê-lo acabamos por nos pervertermos em uma fonte onde a vida flui em versos. É o texto que reafirma a vida e persegue a eternidade. O próprio livro em seu conjunto nega isso. O último poema, *Analfabético*, determinará o poeta que está na trajetória. Outro poema emblemático é *Repassando* (pág. 102), nele o poeta repassa a filosofia nietzschiana de que o passado só tem utilidade se estiver a serviço do presente germinando os frutos do futuro.

Alguns bens devem ser arrolados nesse “textamento”. E eles conferem a dinâmica que, com recorrência, foi característica do poeta que sempre se expôs e expôs tudo que pensa. A desmistificação da morte, a velhice sob uma visão erotizada, o amor sensual – com uma inevitável lembrança a Drummond e seu *Amor Natural* (1993) – a aceitação da inexorabilidade do tempo e outros temas que nos roubariam todo o artigo. Tudo isso com a presença do prazer do texto. O que para muitos torna-se penoso e árdua tarefa, para ARS é um ato do descobertas que só os anos podem trazer. Esse prazer, ora explícito, ora implícito, dá o ritmo poético do livro.

No primeiro poema da obra, a discussão sobre o conceito de testamento começa a ser trabalhado:

TEXTAMENTO

Minha mãe teve dúvidas

se eu deveria nascer ou não.
Pensou em me abortar.
Nasci. E, de alguma maneira, dei certo.
Cedo aprendi com os animais domésticos
e com os legumes da horta
que a morte é estranhamente cotidiana.

Amei, sim, amei
na medida de meu descompassado desejo.
E já ia envelhecendo
quando aprendi a me comunicar com os cães.

Não posso me queixar.
Vencidas as dificuldades iniciais,
os limites do quintal, a inveja
e os jogos na boca da noite,
descobri modos de me expressar.
Algumas palavras íntimas
tornaram-se públicas
e nisto encontrei satisfação.

Notamos que o poeta trabalha a sua vida em quatro momentos, na concepção, nos três primeiros versos, que é intercalada pelo nascimento no verso seguinte. Depois ele trata de sua infância com um primeiro e precoce contato com a morte, tema que o poeta, agora com uma outra idade e em um outro tempo, trabalhará em outra perspectiva. Temos aí, talvez, o anúncio do redimensionamento que o tema da morte receberá no livro. A morte “cotidiana” agora leva os amigos, os vizinhos. Nesses três últimos versos da primeira estrofe, temos a morte em um primeiro e infantil contato, vista no dia-a-dia de todo mundo.

Os dois versos seguintes abrem a segunda estrofe, e o homem adulto se afirma na capacidade amar. Os outros dois versos da estrofe retratam o poeta em seu contato com a velhice. A terceira estrofe será a reflexão da sua vida e da sua obra. O poeta, supera as limitações e encontra a arte, sua expressão e assim seu testamento em texto. Este legado torna-se público e o poeta descobre prazer em fazer-se visto.

Em discussão sobre a consagração do instante no qual consiste a poesia, Octávio Paz diz que para realizar-se como poema apoia-se em algo alheio a si mesma. No poema *Villa Serbelloni*, Como (pág. 80), o poeta está em um lugar que por si só, não consegue evidentemente realizar-se enquanto poesia. É um lugar, em princípio, alheio a criação poética. Mas ao mesmo tempo, sem o qual a poesia não poderia

conceber-se. Não sem as grutas, jardins ou colunas ali presentes. Em um lugar que remete à história de um outro tempo, o poeta sente-se, em pleno final de século XX, entrando no XVIII. Mais uma vez aqui temos a sobreposição de sentidos que ficam evidentes nas escavações arqueológicas desse poema. O poeta como ser atemporal, concilia dois tempos irreconciliáveis a partir da criação de um novo espaço, produzindo assim um recorte na trajetória natural do tempo.

A constante criação-ação-destruição, característica na poesia de ARS, constrói, por vezes, inusitadas imagens. Ainda na discussão de Paz sobre a conciliação do irreconciliável, de dizer o indizível, encontramos no poema *Se é Paixão, Me Nego* (pág. 96) elementos de natureza opostas coabitando o mesmo espaço, evocando a beleza da poesia:

Se é paixão, não quero.
 Conheço seus espinhos de mel.
 Sei aonde conduz
 embora prometa os céus.

A matéria do poema é obviamente a palavra. Uma palavra diferente, sem fronteiras. Se as palavras se restringissem a uma interpretação reduzida, seriam mera “manipulação verbal” à qual Octávio Paz se refere. O poeta deve buscar a transposição de sentido. Uma transgressão indispensável.

No poema *Flor & Cultura*, ARS capta um aspecto que mereceria um ensaio para discuti-lo:

FLOR & CULTURA

Meu conceito de jardim
 determina
 o que é praga
 ao redor de mim.

Releva-se a flor multifacetada em suas configurações de forma, cor, aroma, e cultura. O autor une dois elementos distintos e constrói o poema a partir dessas duas palavras. Fala do ser humano e propõe uma reflexão sobre a abrangência cultural, fazendo do seu jardim, da sua floricultura, o centro do universo, determinando o diferente como praga. Ele condensa tudo isso em quatro versos ao mesmo tempo que projeta seu poema a um universo de significados. Os elementos irreconciliáveis en-

contram na poesia seu campo fecundo, obrigando-a a *ir mais além de si mesma e de seus significados relativos*.

ANALFABÉTICO

Nunca direi a palavra completa
Pois entre Alfa e Ômega
sou beta.

Nunca direi a verdade absoluta
pois o que exponho
não é sequer vitória,
mas uma parte da luta.

O poeta que lança seu texto-testamento no primeiro poema do livro não está encerrado. Assim como Caio Fernando Abreu termina seus *Morangos Mofados* com a profecia de levá-los do mofo à vida plantando-os em canteiros de concreto, ARS perpassa todo o livro com a discussão sobre a morte. Conclui seu incessante lutar colocando-se na trajetória de uma estrada na qual seu livro é apenas mais uma parte, uma parcela da sua batalha. Reafirma a vida. Sempre.

Impossível para quem conhece a obra de ARS, não lembrar do primeiro verso de *A Grande Fala do Índio Guarani Perdida na História e Outras Derrotas*: “ONDE lerei eu os poemas de meu tempo?” Essa busca, que é do poeta e nossa também, se responde em *Textamentos*. Um livro que consegue captar as tonalidades do final do século XX, os problemas que afligem e oprimem a América Latina e o Brasil, o seu tempo como homem e poeta.

Referências

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas*. São Paulo: Schwarcz, 1998.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Intervalo amoroso e outros poemas escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- _____. *Que país é este? e outros poemas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *Textamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.